

# O ponto de vista do espectador

Depois de formado, em 1985, Eduardo fez concurso para Fotografia, área onde já atuava profissionalmente e começou a dar aulas. Sua primeira experiência profissional veio da fotografia, trabalhando primeiro na Caldas Júnior e, depois, durante nove anos na sucursal gaúcha do jornal O Globo. Na sucursal, Eduardo era responsável pela editoria de esporte amador, cuidando não apenas do Rio Grande do Sul, mas também de pautas em Buenos Aires e Montevideu. “Certa vez, a pedido do editor, fotografei e entrevistei um jovem paulista que vinha se destacando nas corridas de kart. Como eu cheguei atrasado em Tarumã, ele ainda foi atencioso e simpático, aceitando repetir uma volta para que eu pudesse fotografá-lo recebendo a bandeirada. Sabe quem era? Ayrton Senna”.

Foi a fotografia que lhe deu as primeiras noções de muitas técnicas que posteriormente seriam usadas na sua produção artística. “Para mim foi um aprendizado: aprendi a ver a luz, os gradientes, a observar melhor os volumes”. Além disso, o trabalho diário e dinâmico lhe proporcionou um conhecimento que permite fazer bom uso da agilidade. “A fotografia exige que você seja ágil nas tomadas de decisão, na busca por um ponto de vista. É uma grande

escola, é uma luta constante contra o tempo. Isso tudo acaba fazendo com que se tenha muita disciplina para saber se organizar”.

Contemplado com uma bolsa para cursar o mestrado no Brooklyn College, da Universidade de Nova York, Eduardo mudou-se para os Estados Unidos. A experiência foi sensacional: bares de jazz no Village, galerias, mostras, museus como o MOMA e o Metropolitan. Lá foi aluno de Phillip Pearlstein, com quem trabalhou como assistente. Foi mais ou menos quando ocorreu a transição definitiva da fotografia para a pintura. “Comecei a pintar em Nova York, embora meu projeto acadêmico fosse em fotografia.”

O psicanalista Robson Pereira, amigo de Eduardo há mais de quatro décadas, interpreta: “Depois que enveredou pela pintura é possível notar que, pelas lentes do olhar, o gesto do pintor preenche o quadro de cores, detalhes, objetos que fazem com que um mundo moderno e o das memórias comece a fazer sentido para nós. Eduardo faz com que Cachoeira, Porto Alegre, Paris e Nova York estejam todas representadas, façam parte de nosso patrimônio íntimo”.

Da temporada em Nova York, Eduardo, através da jornalista Heloísa Vilela, sua colega de O Globo, foi apresentado a Paulo

Francis. “Algumas vezes nos encontrávamos para caminhadas na Park Avenue ou então para idas ao MoMa, que era perto de onde ficavam os escritórios da Globo em Nova York”. A proximidade seria retomada no começo dos anos 1990, quando Francis teria uma coluna em Zero Hora e Eduardo seria chamado para ilustrá-la.

Quem já estava na Zero Hora naquele período, atuando como editor de Fotografia, era Ricardo Chaves, o Kadão. “Apesar de ele ter sido fotógrafo da sucursal gaúcha de O Globo, não lembro de termos trabalhado junto em alguma pauta, mas sempre admirei o trabalho dele. Me identifico com as figuras *vintage* que ele coloca um muitas das suas obras. São aviões, trens e automóveis antigos, da época da minha infância.”

Kadão ainda destaca a importância da fotografia no trabalho de Eduardo: “Do fotógrafo, acho que ele guarda um ponto de vista do espectador. Da testemunha que assiste e registra um monte de coisas acontecendo, mas, sem interferir. Muitas vezes ele mantém uma certa distância, mas não grande o suficiente para que as formas se percam. Sobrevoa o assunto como quem faz uma foto aérea e se delicia com o traçado e a colcha de retalhos em que a paisagem se transforma vista do alto”.



Foi durante temporada em Nova York que Vieira da Cunha mergulhou na pintura

## ta tem

de estarmos juntos. Sua generosidade faz com que a maioria das reuniões de nossa confraria de amigos aconteça na casa dele. Tomara que possamos continuar por muito tempo”.

Outro grande amigo, o jornalista Luiz Reni Marques, destaca a personalidade de Eduardo: “É alguém que em outros tempos se denominava ‘um intelectual completo’, que desfia suas ideias utilizando um texto elegante e objetivo, participa de debates sobre filmes e psicanálise com desenvoltura e discute sobre as mais variadas nuances da arte e da cultura, além de outros temas”. E completa: “Claro que suas telas se sobressaem neste caldeirão de conhecimentos e habilidades. Representam momentos da sua experiência de vida, produzidos em cores intensas, a cada ano mais singulares e expressivas, mostrando uma evolução incessante”.

Nas artes plásticas, suas



Inspiração surge em sonhos ou mesmo em momentos do cotidiano

principais influências são pintores como o já citado Phillip Pearlstein e também Saul Steinberg, Balthus, Jean Lancry e François Soulagés, João Câmara e Trindade Leal. Deste último, Eduardo destaca o alegre convívio que os dois tiveram. “Ia visitá-lo com frequência num pequeno hotel onde ele morava na Cidade Baixa e ficamos muito amigos. Me levava para almoçar num boteco na avenida Bor-

ges de Medeiros, onde sempre comíamos o mesmo prato feito. Ali ele me dizia: ‘hoje tu és meu convidado’”. Afora isso, Eduardo considera o cinema também como algo essencial em sua arte, com as ideias vindo de filmes de Chris Marker, Wayne Wang, Quentin Tarantino e Spike Lee. Outra inspiração, essa menos óbvia e mais surpreendente é o futebol. “Não perco os jogos do Colorado.”

## Sete exposições marcantes

Eduardo Vieira da Cunha escolhe seus sete melhores momentos artísticos

- **Westbeth Gallery, em Nova York, em 1989:** “Foi o meu prêmio Bernard Shaw em pintura na Universidade de Nova York”
- **Galeria Leonardo, em Paris, em 1999:** “Exposição que realizei na época em que eu fazia o doutorado na Sorbonne”
- **Margs, em Porto Alegre, em 2003:** “Exposição que fiz ocupando duas alas do museu e que teve também o lançamento de um livro”
- **Mube, em São Paulo, em 2003:** “Uma exposição com mais de 40 obras, no salão principal”
- **Galeria Fisher-Hohr, em Basel, na Suíça, em 2007:** “Uma exposição em uma ótima galeria da Europa”
- **Percurso do Artista na Reitoria da Ufrgs, em Porto Alegre, em 2016:** “Uma ótima retrospectiva, também com lançamento de livro”
- **Galeria Debret, da embaixada brasileira em Paris:** “Desta exposição eu tenho uma história engraçada. Quem trabalhava lá e ficou minha amiga era a Nina Chaves, a ex-colunista social de O Globo – ‘Nina Chaves conta...’, como aparece na música Café-Soçaite, de Miguel Gustavo. Ela passava as tardes me contando histórias, como quando ela aproximou Lily de Carvalho de Roberto Marinho. Ele, para impressioná-la, convidou a moça para dar uma volta. Ela aceitou. Eles subiram ao terraço do edifício e tinha um helicóptero à espera para sobrevoar o Rio de Janeiro. A vida é bela”



**Márcio Pinheiro** é porto-alegrense e jornalista. Trabalhou em diversos veículos da Capital, de São Paulo e do Rio de Janeiro.